



# LIVROS PARA OUVIR

AUTORES COMENTAM SAMBA, ROCK,  
A DÉCADA DE 1980 E A ERA DO RÁDIO,  
CRIANDO DIFERENTES GUIAS PARA SE  
ENTENDER A MÚSICA FEITA ONTEM E HOJE

POR MARCUS PRETO FOTOS ROGÉRIO ASSIS

Um passeio pelas livrarias parece mostrar que as editoras brasileiras entenderam que vale a pena apostar no filão do “livro de música”, como indica uma série de lançamentos recentes. Não aquele livro técnico para os estudantes de instrumentos, partituras ou algo parecido. Mas aqueles que historicam, divagam, apresentam análises e teorias a respeito de música e músicos populares.

Além das várias biografias de artistas relacionados ao métier editadas recentemente com grande sucesso comercial (Roberto Carlos, Milton Nascimento, Hermínio Bello de Carvalho, Gonzagão e Gonzaguinha), chegaram às livrarias alguns bons volumes que nos ajudam a acompanhar o caminho – e os desvios – que a música popular tomou até se tornar o que é hoje, no Brasil e fora dele.

Para tanto, estão disponíveis tanto excelentes coletâneas com artigos e entrevistas originalmente escritos em outras épocas – que trazem todo o calor da hora – quanto teorizações “frias”, feitas a distância do tempo. Nos dois casos, a leitura é invariavelmente estimulante e revela críticos e historiadores apaixonados pelo tema, autores de textos, como diria Simon Reynolds, “quase tão inebriantes quanto a música em si”. Veja uma seleção preparada por BRAVO!

## “ANOS 80 – UMA VISÃO SEMIÓTICA DA POÉTICA DAS CANÇÕES MAIS CULTUADAS”

DE SÍLVIO ANAZ / EDITORA MACKENZIE / 150 PÁGINAS

“Eu ouvia música pop porque era infeliz ou eu era infeliz porque ouvia música pop?”. A dúvida que atravessa a vida do personagem principal de *Alta Fidelidade* (filme baseado no livro do inglês Nick Hornby) é uma das inspirações para a análise proposta pelo brasileiro Sílvio Anaz. Para tentar sincronizar o Brasil dos anos 80, política e socialmente, com o teor da música jovem que se produzia naquele período, o autor lança mão de 12 sucessos indiscutíveis do chamado BRock (entre os quais estão *Rádio Pirata*, RPM; *Ideologia*, Cazuza; *Sonífera Ilha* e *Comida*, Titãs; *Inútil*, Ultraje a Rigor; *Gritos na Multidão*, Iral; *Geração Coca-*

*Cola*, Legião Urbana e *Alagados*, Paralamas do Sucesso) e os diseca, baseado nas teorias de análise textual do crítico Roland Barthes e no pensamento do filósofo Mikhail Bakhtin. Entre as conclusões, Anaz afirma que “o protagonista da canção pop brasileira dos anos 80 é predominantemente um sujeito que busca o prazer imediato, tem uma postura crítica e procura agir para transformar as situações. Ele não é nostálgico, mas também não deposita esperanças no futuro”. Essa geração desenvolve tais características por causa da música pop ou a música pop as apresenta como reflexo dessa geração?

## “ESTAÇÃO BRASIL – CONVERSAS COM MÚSICOS BRASILEIROS”

DE VIOLETA WEINSCHELBAUM  
EDITORA 34 / 248 PÁGINAS

Tradutora, escritora e crítica argentina, Violeta Weinschelbaum fez sua primeira entrevista com um músico brasileiro em 1998. Viajou ao Rio de Janeiro para encontrar Caetano Veloso, que havia lançado o disco *Livro* e o livro *Verdade Tropical* (anos depois, ela própria seria a responsável por sua tradução para o espanhol) e, sem saber, deu início a este projeto. Entre aquele ano e 2005, conversou – no Rio, em São Paulo, Salvador, Buenos Aires ou Punta Del Este – com parte representativa dos ícones vivos (e em atividade) da MPB dos anos 60 para cá: Chico Buarque, Rita Lee, Gilberto Gil, Marisa Monte, Maria Bethânia, Ney Matogrosso, Gal Costa, Milton Nascimento, Arnaldo Antunes, Tom Zé, Carlinhos Brown, Adriana Calcanhotto e os +2 (Kassin, Domenico e Moreno Veloso). Por que *Estação Brasil* atrairia o leitor que, mais do que uma argentina, está habituado a ler entrevistas com todos esses artistas? O fato de Violeta não ser brasileira levou as conversas por caminhos pouco comuns. Por um lado, revemos histórias, nossas velhas conhecidas, com um olhar estrangeiro, de descoberta – e, dentro disso, nuances insuspeitadas de velhas informações brotam o tempo todo. Por outro, é perceptível a entrega dos entrevistados às perguntas, sem os mecanismos de defesa comuns quando a conversa é com a imprensa nacional.